



VI ANNO

SEXTA-FEIRA, 1 DE SETEMBRO DE 1882

NUM. 11

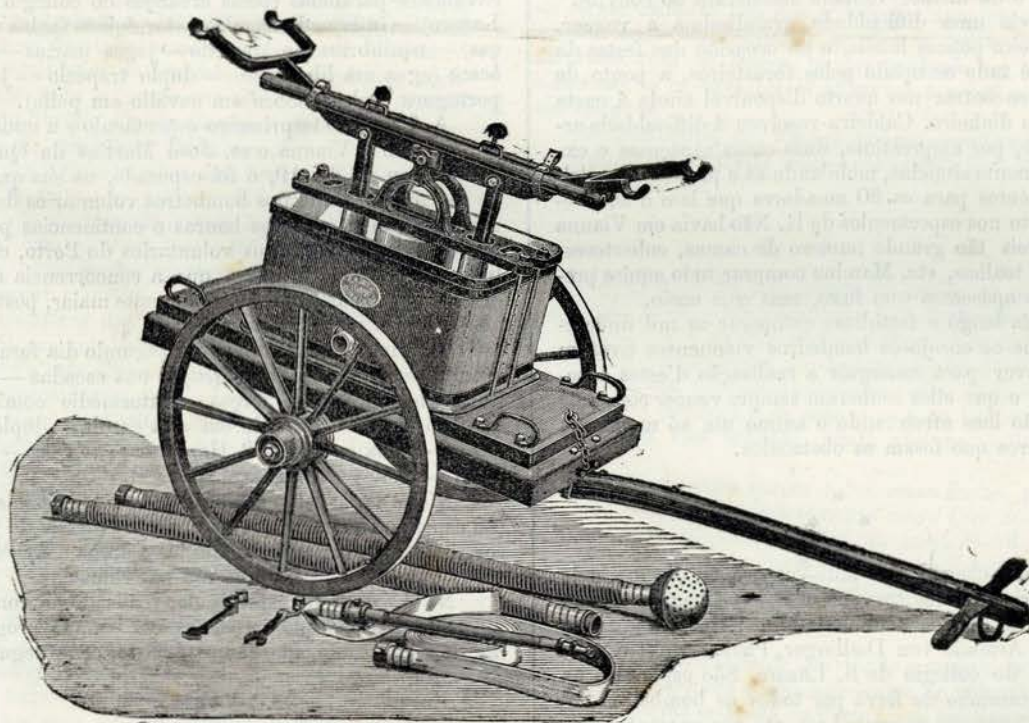
A administração e redacção d'este periodico vae estabelecer-se na rua do Mirante n.º 9. Para ali deve ser dirigida toda a correspondencia endereçada a J. R. da Cruz.

BOMBA MANUAL

Reservamos para o proximo numero a descripção da nossa gravura.

um verdadeiro encanto». E nós acrescentaremos, um grandissimo arrojo da parte dos seus iniciadores e dos que conseguiram leval-os á execução.

Effectivamente, ali, onde nada havia preparado, nem circo, nem gymnastas, nem publico, imaginar repetir os espectaculos do Palacio de Crystal, é de um grande arrojo! Mas realisal-os, e conseguir que elles merecessem ao elegante escriptor viannense a classificação de «um primor, um verdadeiro encanto,» é real-



Os espectaculos dos Bombeiros Voluntarios de Vianna do Castello

Um chronista local classifica-os de «um primor,

mente superior a tudo o que se conhece em materia de iniciativa, actividade, força de vontade, energia e decidido amor ao progresso.

A Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios de Vianna era já conhecida como uma das que mais

depressa conseguira nivelar-se com as suas congêneres; mas o que decerto ninguém a suppunha era capaz de fazer d'estes milagres.

Foi iniciador d'estes espectáculos o sr. José Maria Caldeira, 1.º secretario da associação e 1.º patrão da 1.ª secção. N'um relancear de olhos architectou immediatamente o seu plano até aos menores detalhes e deu seguidamente principio aos preparativos para a sua execução. Veio ao Porto convidar os seus camaradas que tomaram parte no espectáculo do Palacio de Crystal a irem egualmente tomar parte nos espectáculos de Vianna, ao que elles immediatamente e da melhor vontade se prestaram. Veio fallar ao distincto professor de gymnastica o sr. Paulo Lauret para escolher de entre os bombeiros voluntarios de Vianna alguns que, nos poucos dias que restavam, podessem ensaiar alguma coisa para poderem exhibir. O sr. Lauret accedeu desinteressadamente a este pedido e foi a Vianna, escolheu um grupo de rapazes que nunca tinham tido mestre de gymnastica, ensaiou com elles tres numeros, prometteu tomar elle parte tambem nos espectáculos e apresentar um grupo de creanças do collegio de S. Lazaro, caso se obtivesse a competente permissão dos paes.

Caldeira, animado pelo bom exito dos seus primeiros passos, e já então pelos seus camaradas, tractou da parte material da questão, encarregando-se o sr. Magalhães Moutinho, 2.º commandante do corpo, do projecto e construção do circo, e o sr. Pereira Dias, 1.º commandante, de convidar o distincto cavalleiro o sr. José Martins de Queiroz, commandante dos bombeiros voluntarios de Guimarães, e o notavel equilibrista lisbonense o sr. Antonio Infante, membro do Real Club Gymnastico Portuguez, que todos immediatamente e da melhor vontade accederam ao convite.

Havia uma difficuldade grandissima a vencer. Vianna tem poucos hotéis, e na occasião das festas da Agonia é tudo occupado pelos forasteiros, a ponto de se não encontrar um quarto disponivel ainda á custa de muito dinheiro. Caldeira resolveu a difficuldade arranjando, por emprestimo, duas casas espaçosas e excellentemente situadas, mobilando-as e preparando n'ellas aposentos para os 30 amadores que iam d'aqui tomar parte nos espectáculos de lá. Não havia em Vianna disponiveis tão grande numero de camas, cobertores, lençoes, toalhas, etc. Mandou comprar tudo aqui e preparou os aposentos sem luxo, mas com acceio.

Seria longo e fastidioso enumerar as mil difficuldades que os corajosos bombeiros viannenses tiveram de remover para conseguir a realisação d'estes espectáculos, e que elles souberam sempre vencer com mão firme, não lhes afrouxando o animo um só momento, por maiores que fossem os obstaculos.

*
* *

Somos chegados á ante-vespera do dia marcado para o primeiro dos tres espectáculos. Chega a Vianna a primeira caravana de amadores: José Rodrigues Barrote, Arminio von Dellinger, Paulo Lauret e cinco creanças do collegio de S. Lazaro. São esperados na *gare* do caminho de ferro por todos os bombeiros voluntarios, que os acompanham até aos aposentos que lhes estão destinados. E enquanto se lhes prepara a refeição da noite, vão para o theatro ensaiar-se nos seus trabalhos.

No dia seguinte novas caravanas vão chegando, e entre ellas vae n'uma, o digno commandante dos bom-

beiros voluntarios do Porto. A espera foi então mais luzida, mais brilhante, attenta a sua elevada patente entre os bombeiros. A corporação toda esperava-o na *gare* em grande uniforme, formada em linha de fileiras abertas e com uma banda militar á direita. A chegada do comboyo que conduzia o sr. Guilherme Fernandes foi feita a continencia da ordenança, apresentando machados, e tocando a banda uma peça de musica adequada. D'ali seguiu a corporação para o quartel, onde formou novamente esperando a passagem do sr. Guilherme Fernandes, para tornar a fazer-lhe a continencia, dignando-se então este sr. visitar o quartel, examinando detidamente o material, que achou em boa ordem.

N'este mesmo dia trabalha-se ainda activamente na conclusão do circo, que o arrematante não conseguia ainda ultimar, e na montagem dos apparatus, para a qual tinham ido d'aqui expressamente na vespera os srs. Barrote, Arminio e Paulo Lauret.

E' chegado finalmente o primeiro dia de espectáculo, o dia 18. Trabalha-se ainda no circo quasi até principiar o espectáculo. Mas á hora marcada está tudo prompto e concluido, tudo a postos.

E' grande a anciedade. Todos querem vêr como se sairão os bombeiros voluntarios de tamanha empresa. Mas a concorrência é diminutissima, verdadeiramente desanimadora para outros que não fossem os bombeiros voluntarios. Estes não desanimam; o espectáculo realisa-se, e sae... um primor, um verdadeiro encanto — na phrase elegante do chronista do *Pero Gallego*.

Os numeros d'este primeiro espectáculo foram: grupos nas escadas — 2 Hercules (trabalho sobre dois cavallos) — parallelas (pelas creanças do collegio de S. Lazaro) — intermedio comico — torniquete (pelas creanças) — equilibrios no trapezio — jogos icarios — *Arabesca* (egua em liberdade) — duplo trapezio — jockey portuguez (volteio sobre um cavallo em pello).

A fama d'este primeiro espectáculo e a noticia de ter chegado a Vianna o sr. José Martins de Queiroz, que chegou no dia 19, e foi esperado, na sua qualidade de commandante dos bombeiros voluntarios de Guimarães, com as mesmas honras e continencias prestadas ao commandante dos voluntarios do Porto, contribuíram grandemente para que a concorrência ao segundo espectáculo fosse sensivelmente maior, posto que ainda menos que regular.

Os numeros executados no segundo dia foram estes: cortezias a cavallo — grupos nas escadas — equilibrios no trapezio — forças — intermedio comico — *Dragão* (cavallo montado em alta escola) — duplo trapezio — jogos icarios — 2 Hercules — argolas — *Arabesca* — jockey portuguez.

N'este espectáculo tornou-se notavel a grande ovação espontaneamente feita ao sr. José Martins de Queiroz, indo todos os seus camaradas á arena e trazendo-o em triumpho, aos hombros, até aos camarins.

No 3.º e ultimo espectáculo, realiado no domingo 20, pôde dizer-se que a casa estava boa. O programma do espectáculo, que temos á vista, era o seguinte:

1.ª Parte

Symphonia.

1.º — *Overture* e apresentação da *troupe* de amadores.

2.º — Jogos icarios.

3.º — Beldemonio, cavallo montado em alta escola.

4.º—Torniquete (pelas creanças).

5.º—Os dous Hercules.

6.º—As ocarinas do Ribatejo.

7.º—Equilibrios no trapezio.

Intervallo de 15 minutos.

2.ª Parte

Symphonia.

1.º—Vãos.

2.º—Arabesca (egua em liberdade).

3.º—Rigoletto, intermedio comico.

4.º—A percha.

5.º—Dragão, cavallo montado em alta escola.

6.º—Duplo trapezio.

7.º—O jockey portuguez.

N'este espectáculo o enthusiasmo dos espectadores chegou ao delirio. As palmas e os bravos eram continuados. Foram offerecidos *bouquets*, lindas corôas de louros com fitas de sêla, e pombas. Os amadores que mais notaveis se tornaram pelos seus trabalhos foram levados em triumpho pelos seus companheiros e pelos bombeiros voluntarios de Vianna. N'um momento de maior enthusiasmo pelo sr. José Martins de Queiroz, um grandissimo numero de espectadores, entre elles o presidente da camara e os cavalheiros mais importantes da cidade, saltaram á arena a abraçal-o. Em fim, foi um verdadeiro delirio.

Não fazemos uma descripção minuciosa de cada numero, porque grande parte d'elles eram os mesmos que foram executados no Palacio de Crystal, e que o leitor já conhece. Referir-nos-hemos portanto apenas aos numeros novos, que eram os equilibrios no trapezio, pelo notavel equilibrista lisbonense o sr. Antonio Infante, os trabalhos das creanças do collegio de S. Lazaro, e os dos bombeiros voluntarios de Vianna.

Os equilibrios no trapezio surprehenderam agradavelmente toda a gente que não conhecia o distinctissimo equilibrista. Que perfeição, que serenidade, que elegancia de posições! Cada posição que tomava no trapezio era saudada com um *bravo* unisono e uma prolongada salva de palmas. E então era para ver como do alto do trapezio e sem desmanchar a posição, agradecia com sorrisos para todos os lados, sem se perturbar, sem perder a serenidade de animo que o acompanhava!

Os trabalhos das creanças do collegio de S. Lazaro, tanto nas parallelas como no torniquete, mas especialmente n'este ultimo, tambem causaram enthusiasmo aos espectadores. As creanças appareciam acompanhadas pelo seu distinctissimo professor o sr. Paulo Lauret, e executavam successivamente numeros variados, tornando-se notaveis algumas *planches*, sarilhos, saltos e diversas posições, pela inexcedivel pericia com que foram executados.

Finalmente, os trabalhos dos bombeiros voluntarios de Vianna consistiram em grupos nas escadas, jogos icarios e duplo trapezio. Não apresentaram difficuldades, os jovens amadores viannenses; mas os trabalhos que executaram foram feitos com tal precisão, tanta confiança, e elegancia, que mereceram a approvação de todos os que os presenciaram, e repetidas chamadas aos seus executores e ao distincto professor que os ensaiou.

Em todos os tres dias de espectáculo foram directores do circo os commandantes dos bombeiros voluntarios do Porto e de Vianna, os srs. Guilherme Fernandes e Pereira Dias. O serviço de bilhetes e de policia do circo, foi distribuido pelos restantes bom-

beiros voluntarios que não entraram nos espectaculos. A musica era a banda de caçadores n.º 7, primorosamente regida pelo seu digno mestre o sr. Argar, que n'uma hora ensaiou a marcha que o sr. Alves Rente compoz para ser aqui executada na presença de el-rei, que os bombeiros de Vianna quizeram que lá fosse tocada em homenagem e obsequio aos seus camaradas do Porto.

Foram sete as corôas offerecidas pela corporação dos bombeiros voluntarios de Vianna e pela direcção da Companhia Fomentadora, em favor da qual tambem era destinado metade do producto liquido dos espectaculos. A primeira foi offerecida ao sr. José Martins de Queiroz, quando apresentou o seu cavallo Bel-demonio. A segunda, ao grupo de alumnos do collegio de S. Lazaro, pelos seus trabalhos no torniquete. A terceira, ao sr. Antonio Infante, em seguida aos seus trabalhos de equilibrio no trapezio. A quarta, dedicada á briosa corporação dos bombeiros voluntarios do Porto, foi entregue ao seu secretario, o sr. Terra Vianna, em seguida aos seus trabalhos de voador; sendo n'essa occasião tambem entregue a quinta corôa ao sr. Paulo Lauret, que igualmente entrava nos referidos trabalhos como fixo. A sexta recebeu-a o sr. Manoel Gomes, quando apresentou a sua egua *Arabesca* em liberdade. E finalmente foi outra entregue ao sr. Guilherme Fernandes, commandante dos voluntarios do Porto, quando foi á arena mandar os dois cavallos em que trabalhavam os Hercules.

Além das corôas, foram offerecidos *bouquets* aos cavalheiros que tomaram parte nos jogos icarios, nas ocarinas, e a diversos outros, e uma porção de pompas foram atiradas tambem a diversos amadores. Nas ovações mais enthusiaslicas as damas acenavam dos camarotes com os lenços, o que produzia um effeito lindissimo, e os cavalheiros atiravam á arena com os seus chapéus.

Os bombeiros de Vianna podem orgulhar-se de que realisaram as festas mais esplendidas que alli se tem presenciado.

*

* *

No segunda-feira começaram os amadores a retirar, sendo todos acompanhados á *gare* pelos bombeiros voluntarios e pela direcção da Fomentadora, que já tambem comparecera ás esperas. Cada despedida que se fazia era acompanhada de um côro de *hurrahs* á marcha do comboio e de acenos com os lenços, que lhe dava um tom original, ainda não conhecido em Vianna.

Finalmente, para coroar todas essas festas, resta dizer que tudo se fez exactamente como fôra annunciado nos programmas, sempre na melhor ordem e sem um unico desastre, nem o mais leve desgosto.

Vianna presenciou feitos esplendidos, e os bombeiros voluntarios mostraram a verdade da maxima—*querer é poder*.

Havia o commandante convidado a assistir ás festas os srs. inspectores e commandantes de voluntarios de todas as terras ao norte do Porto; mas infelizmente, por diversas circumstancias, não poderam comparecer senão o sr. inspector de Braga, o commandante dos voluntarios tambem de Braga, e representantes do Porto e de Guimarães, visto que os respectivos commandantes entravam nos trabalhos.

José Martins de Queiroz

Como o fôra na sua vinda ao Porto para tomar parte na luzida funcção que em beneficio do cofre do Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto, se realisou ultimamente no Palacio de Crystal, foi entusiasticamente recebido em Guimarães o estimavel commandante dos Bombeiros Voluntarios d'aquella cidade o sr. José Martins de Queiroz.

Eis como um periodico da localidade descreve esta recepção em que mais vez evidentemente se patenteou o subido apreço e a cordeal estima que ao seu commandante consagram os Bombeiros Voluntarios de Guimarães :

«Os brios bombeiros voluntarios d'esta cidade, querendo dar ao seu sympathice e corajoso commandante, o ex.^{mo} sr. José Martins de Queiroz, uma demonstração de quanta estima teem por s. exc.^a, e de quanto se congratulam pelos triumphos que s. exc.^a alcançara, como o valleiro insigne entre os insignes, tanto ha pouco em Lisboa, como agora no Porto, no espectáculo no Circo Olympico, na presença de SS. MM., resolveram esperal-o no seu regresso do Porto, e fazer-lhe uma recepção a mais sympathica e considerada.

Com effeito, na segunda-feira, dia em que o sr. José Martins regressou a esta cidade, foram esperal-o e acompanharam-n'o até casa, em numeroso e apparatuso cortejo, que se compunha de dous batedores a cavallo, na frente, seguindo-se o carro, em que vinha o sr. José Martins, puchado a duas parellhas, e guiado pelo seu irmão o sr. Gualter Martins, dignissimo inspector dos incendios, servindo de trintanario um bombeiro, e apoz elle todos os socios activos, protectores e direcção da associação humanitaria dos Bombeiros Voluntarios, em cerca de 20 trens.

A entrada n'esta cidade foi já de noite, o que a tornou ainda talvez mais apparatusa, porque o prestito era allumiado por numerosos archotes, o que lhe dava o aspecto de marcha *aux flambeaux*.

Uma banda de musica acompanhava o prestito, e tocou depois á porta da casa do sr. José Martins, onde se levantaram entusiasticos e numerosos vivas a s. ex.^a»

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

No dia 25 do passado, completou-se o setimo anniversario da instituição da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto.

Em signal de regosijo esteve illuminada a gaz a fachada do edificio da referida associação.

*

* * *

No dia 26 do passado, realisou-se no theatro do club de Cadouços, em S. João da Foz, um sarau dramatico-musical, promovido por alguns amadores, em beneficio do cofre da secção da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto, estabelecida n'aquella localidade.

Constou o espectáculo das comedias *Audiencia*

na sala, Uma chavena de chá, Guerra aos Nunes, e da aria do Roberto d'Evreux e uma romanza da Linda de Chamuniv, cantada pelo reputado virtuose Frank de Castro, acompanhada ao piano pelo sr. Ayres Borges.

A concorrência foi muito avultada, cerca de quatrocentas pessoas, na maior parte senhoras que enchiam completamente a sala do club.

Todos os amadores foram muito applaudidos e obsequiados.

N'um dos intervallos o sr. Manoel Paes recitou uma poesia em que se exaltavam os bombeiros voluntarios.

Ao que nos consta, o producto do espectáculo ascende a quarenta libras que, com auctorisação da gerencia da associação, vão ser applicadas em melhoramentos na casa em que vae estabelecer-se o material e pessoal da bomba n.º 2 que estaciona em S. João da Foz.

Os theatros do Porto

Por ter expirado o praso marcado pela auctoridade superior do districto para nas casas de espectáculo se proceder ás obras ordenadas pela commissão, em tempo nomeada para estudar os meios de em taes casas prevenir qualquer incendio, o sr. dr. Moreira da Fonseca, os engenheiros Victoria e Jeronymo de Faria, e os sub delegados de saude drs. Ferreira e Pereira Moitas, visitaram os theatros do Principe Real, Baquet e S. João.

O primeiro e ultimo foram achados em boas condições tendo de soffrer o segundo as seguintes obras :

Abriu uma escada supplementar que dê accesso ao *restaurant* para o atrio do lado da rua de Santo Antonio, alargar mais as portas das galerias, e chapear a ferro os tectos dos corredores lateraes das plateias e a parede do proscenio pelo lado interior.

São completas, e d'isso somos testemunhas as obras effectuadas no theatro Principe Real, e parecidos que theatro nenhum em Portugal estará em melhores condições.

Por occasião de ser nomeada a commissão de vistoria, estranhámos não fazer parte d'ella o sr. inspector geral dos incendios que, além do seu cargo, é engenheiro reputado. Mais estranheza nos causa o não ser chamado agora, não atinando bem com os papeis que n'esta vistoria desempenharam o chefe do districto e os dous medicos a quem tinha sido mais razoavel substituir por um architecto decerto muito mais no caso de julgar da segurança d'um edificio, de que aquellos srs.

OS INCENDIOS NOS THEATROS

Do nosso reputado collega, o *Diario de Noticias* da capital, transcrevemos o seguinte curioso artigo publicado n'um dos seus ultimos numeros sob a epigraphe que levamos traçada.

«Segundo uns interessantes estudos do sr. Augusto Folsch, havia em 1870 uns 1:480 theatros na Europa,

possuindo a França 337, Italia 296, Hespanha 168 (Portugal deveria aqui ter entrado, ao menos com 30), Inglaterra 159, Austria-Hungria 152. N'esta conta entrava Paris com 40, Londres com 26, Napoles e Milão a 13 cada um, Turim, Roma, Bruxellas a 10 cada um. De 1760 a 1870 foram destruidos pelo fogo em todo o mundo 239 theatros. A estatistica mais recente e mais exacta diz que de 1851 a 1860 arderam 69; de 1861 a 1870 arderam 99; e de 1871 a 1880 arderam 181 theatros. Em 1881 arderam 28. Não é para admirar em presença da phrase de um celebre architecto, que disse: «O destino de todos os theatros é morrer pelo fogo.» Sobre 252 theatros incendiados: 5 arderam antes de serem abertos ao publico; 70 nos seus 5 primeiros annos; 38 do seu 6.º ao 10.º anno; 45 do 11.º ao 20.º; 27 do 21.º ao 30.º; 12 do 31.º ao 40.º; 20 do 41.º ao 50.º; 17 do 51.º ao 60.º; 7 do 61.º ao 80.º; 8 do 81.º ao 100.º; 3 depois de 100 annos de existencia. Notem as garantias de existencia do venerando macrobio impiamente condemnado, o theatro da rua dos Condes. A duração media d'esses theatros foi, pois, 22 annos e nove mezes. N'um periodo de 310 annos, 1569 a 1879, encontra o sr. Folsch 516 incendios de theatros, sendo 176 nos Estados Unidos, 68 em Inglaterra, 63 em França, 49 Allemanha, 45 Italia, 26 Austria-Hungria, 24 Russia, 17 Hespanha e Portugal, 30 no resto da Europa, 18 em outros paizes Os mezes em que occorreram mais incendios foram: janeiro, fevereiro, março e maio. Sobre 289 incendios em 1878, e 373 em 1881, occorreram: *durante o dia* 19; *durante a hora que precede a entrada do publico* 5; *durante a representação* 12 ou 11; *durante as duas horas que seguem o fim da representação* 23 ou 22; *no resto da noite* 39 ou 40. D'aqui resulta que a hora em que se fazem os preparativos da recita é a mais perigosa; é menos a da representação, porque a vigilancia é mais geral; é perigosissimo o periodo das duas horas que seguem a saída do publico, e o resto da noite.

As causas mais frequentes, segundo Folsch são: a multiplicidade das luzes e dos *foyers*; as explosões de gaz de illuminação; os fogos de artificio; as illuminações excepçioneas da scena; os appparelhos de aquecimento; as descargas de armas de fogo. Os meios preventivos no interior são: numerosos conductores de agua; vigilancia incessante por um pessoal especial; processos rapidos de aviso, sobre tudo signaes electricos; ordem absoluta a manter nas dependencias da scena e do *foyer*; prohibição expressa de introduzir materias perigosas; isolamento completo das decorações e das materias facilmente inflammaveis—Uma das conclusões a que se tem chegado nos meios preventivos é: isolar inteiramente os theatros de outros edificios; separar absolutamente da scena a sala por uma grossa parede circumdante; construir as grandes obras de materiaes ininflammaveis; empregar quanto possivel o ferro nos arranjos interiores da scena; e tornar ininflammaveis a madeira e as decorações; estabelecer escadas e corredores largos, bem traçados e uniformes, arejados e illuminados directamente de fóra, e portanto dando sobre a fachada; muitas escadas de dois metros de largura são preferiveis a poucas escadas muito largas. A commissão de Vienna aconselha um panno de bocca especial, cuja descripção, bastante complicada não se poderia resumir em poucas linhas.

Estatistica de incendios

No mez findo em Lisboa houve 15 incendios todos de dia e sendo a toque de sinos 3. Tiveram começo em roupa 7, em palha 1, papeis 1, colchão 1, maravilhas 1, chaminé, na fuligem 1, caixote com serradura 1, explosão de gaz 1, de petroleo 1. N'estes incendios ficaram queimadas duas pessoas fallecendo uma. Por suspeita de fogo na fabrica de tabacos de Santa Apollonia, na occasião de fugir ao alarme, receberam ferimentos 14 pessoas.

No concelho de Belem manifestaram-se 3 incendios e em um d'elles morreu queimada uma creança.

No concelho de Almada, na explosão na fabrica de dynamite da Trafaria, houve um morto e 14 feridos.

No concelho dos Oliveas houve 2 incendios.

No anno anterior no mesmo mez deram-se em Lisboa, 24 fogos.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE BELEM

Lavra funda desintelligencia entre os bombeiros municipaes e voluntarios de Belem. Sentimos que os chefes das referidas corporações não conseguissem convencer-se mutuamente da muita e reciproca intelligencia que deve reinar entre as duas corporações que tem tão largo campo para a sua actividade e dedicacão.

Os bombeiros voluntarios acabam de apresentar as respectivo municipio o seguinte officio ou representacão:

«*Ill.ªs Ex.ªs Srs.*—Muito sente a associacão dos bombeiros voluntarios de Belem ter de levar á presença da ex.ª e illustrada camara o já bem conhecido e lamentavel facto occorrido no dia 8 de fevereiro, em que esta corporacão se viu offendida, sendo menos presada na pessoa do seu chefe.

Mais a peito é ainda para tomar a desapreciacão, quando ella parte de individuos que indevidamente vestem a humanitaria farda de bombeiro, em detrimento e deslustre dos verdadeiros dedicados, que com a sua dedicada assiduidade, estudo e dasassombro de vida se tem tornado merecedores da estima dos habitantes do concelho e do publico em geral.

Para obviar, não aos confrontos que não os teme esta corporacão, mas aos gravissimos inconvenientes, sempre de prevêr e aguardar n'estes lances afflictivos, em que periga até o proprio serviço, entendeu esta corporacão, reunida em sessão extraordinaria de socios activos, fazer á ex.ª e illustrada camara os seguintes pedidos:

1.º—Que o dignissimo vereador do pelouro dos incendios faça sentir por meio de officio, do qual esta associacão archivará copia, o inconveniente procedimento dos individuos que desattenderam a observacão feita pelo chefe de uma corporacão que existe ha quatro annos.

2.º—Que se dêem terminantes ordens para que nenhum individuo expulso de qualquer associacão possa n'outra ser admitto, e menos ainda organizar qualquer d'esta indole.

3.º—Que só seja permittida a farda de bombeiro voluntario aos individuos examinados perante um jury composto do inspector e sub-inspector, chefe e

sub-chefes dos bombeiros voluntarios do concelho, em predio accommodado ás condições de um tal exame, o qual nunca poderá ser inferior a quatro andares.

4.º — Que o chefe de qualquer corporação assim organizada se apresente ao chefe da corporação mais antiga ou quem suas vezes fizer, em todas as occasiões de sinistros ou formaturas.

A corporação esperando da illustração, zelo e reconhecida boa vontade de ex.^{ma} camara em levantar á altura em que deve estar este tão importante ramo de serviço publico de cujo bom desempenho depende a segurança das vidas e fazendas dos nossos concidadãos, aguarda uma favoravel e prompta resolução, reservando-se no caso contrario a associação a appellar para o tribunal da imprensa.»

Em Lisboa

Reunia-se ultimamente a assembléa geral da Associação serviço voluntario de ambulancias em incendios, para proceder á eleição annual dos seus corpos gerentes, ficando eleitos para a mesa ds assemblea geral os srs: Carlos Barreiros, D. d'Oliveira Gaya, Julio Moreira Feio, Sabino Roza, Cruz Moreira e José Leal; para a direcção os srs.: dr. Salgueiro de Almeida, Leonel Barros d'Assumpção, Ferreira Lobo, Adriano Feio, Pimenta Rodrigues, Pedro Costa e Francisco Malato, e para o conselho fiscal os srs. Lima Carvalho, Pires Marinho e Emilio Mertens.

*
* *

Tem havido ultimamente bastantes incendios não sendo porem felizmente de vulto. O mais importante foi um occorrido pelas seis e meia da manhã que reventou com violencia no predio abarracado na calçada do Galvão, n.º 28. Luctou se por mais de uma hora contra a falta de soccorros e de agua, pois aquella rua ainda não está canalizada. Era inquilino da casa o sr. Pedro Augusto Campello de Andrade, que está com sua familia a tomar ares em Campolide. Antehontem de manhã um criado do sr. Andrade foi ali fazer a comida para um macaco, e dizem que foi este animal que em altos gritos deu o alarme. Dizem tambem que um guarda das terras que ficam na rectaguarda do predio vira de noite claridade dentro de casa, mas que julgando estar habitada, não prestou mais attenção. O predio ardeu todo, e ficou tambem damnificado o telhado da casa contigua, em que mora o sr. Benjamin Cosmelli. Prestaram bons serviços uma força de marinheiros da corveta *Estephania* e de cavallaria 4, lanceiros e infantaria 1. A primeira bomba que appareceu foi a da Casa Pia. Acudiu tambem depois o material do districto do concelho. A primeira agua consumida foi a que o sr. Cosmelli tinha em deposito no seu jardim, e que para ali faz conduzir de longe com bastante despeza. As carroças da camara iam buscar agua ás bocas de incendio na calçada da Ajuda, o que tornava muito demorada a extincção. A força de marinheiros, commandada por um tenente, apenas chegou, começou a fazer serviço indo buscar a agua em baldes á quinta de el-rei, que fica fronteira á casa incendiada. A mobilia em parte, foi salva pelas

primeiras pessoas que acudiram. Estava segura na companhia *Fidelidade* em 1:000\$000 réis. O predio está na mesma companhia em 2:000\$000 réis, e é seu proprietario o sr. Domingos Rafael Alves. De Lisboa foram mandadas avançar tambem até o local, as machinas da 5.ª companhia e alguns bombeiros. Só n'aquella calçada, até ao predio incendiado, ha oitenta inquilinos.

*
* *

Foram intimados no dia 21 do passado, os proprietarios dos theatros de Lisboa, a darem começo, no praso de quinze dias, ás obras necessarias para evitar desgraças por occasião de incendio, e conforme as indicações da commissão que fora nomeada para esse fim.

Esta determinação da auctoridade tem levantado grande celeuma, apparecendo, como sempre que se tracte de interesses, quem a acoime de favoritismo para certos theatros.

O que é porem indubitavel e que quasi todos os theatros de Lisboa precisavam de urgentes e inadiveis obras, pois que em muito pouca conta se tinha a vida e segurança dos espectadores e a auctoridade sendo rigorosa em tão momentoso assumpto, cumpre apenas o seu dever.

*
* *

Ultimamente foi dada uma ordem para que os bombeiros que se achem de serviço na estação principal do telephone não participem a qualquer bombeiro ou empregado de seguro, onde se manifesta qualquer incendio, quando estes empregados forem, como costumam a uma estação fazer essa pergunta.

Não conhecemos as razões que determinaram uma tal ordem que á primeira vista parece um contra senso.

A' Folha da Manhã

Diz este nosso collega de Barcellos no seu numero 160 de 24 do passado:

«Pertence ao n.º 10 do 1.º anno do nosso illustrado collega, «O Bombeiro Portuguez», o primeiro artigo que com a devida venia transcrevemos no lugar d'honra do nosso jornal.

Acompanha aquelle consciencioso escripto, um retrato de S. M. el-rei o sr. D. Luiz habilmente gravado por F. Pastor.»

Agradecendo a honra da transcripção, permittanos a *Folha da Manhã* uma ratificação a que, com franqueza, não é estranha uma certa vaidade: — é do n.º 10 do sexto anno que é transcripto aquelle artigo, e não do primeiro como um erro typographico faz deprehender.

Varias noticias

Deu-se uma lamentavel desgraça, na freguezia de Arcozello, logar da Pedra Alva, concelho de Gaya

no dia 17 do passado, pelas 11 horas da manhã. Duas creanças menores que haviam ficado a dormir, fechadas n'uma casa, enquanto pae e mãe tinham vindo ao Porto, acordaram e lançaram fogo a umas armações de andores, morrendo queimadas. A casa ficou reduzida a cinzas.

*

* *

Falla-se em Braga da realisação d'um espectáculo gymnastico em beneficio do cofre dos Bombeiros Voluntarios d'aquella cidade como os que tão brilhantemente se effectuaram n'esta cidade e em Vianna do Castello.

A associação dos Bombeiros Voluntarios de Braga, se bem nos lembra, a primeira que se organisou no norte depois da d'esta cidade, não se encontra hoje em estado muito prospero, tendo uma existencia bastante accidentada que a tem forçado a perder um tanto da importancia com que em principio se apresentou.

Fazemos votos para que o espectáculo projectado se realice e recompondo com o seu producto as suas finanças, a associação dos Bombeiros Voluntarios Bracarenses possa entrar em melhores dias.

Na Provincia

No lugar da Pedrulha, freguezia de Santa Cruz, houve no dia 24 do passado um violento incendio.

Quando as bombas chegaram ao local do sinistro já o fogo tinha tomado grandes proporções, não sendo possível extingui-lo, tanto pela falta d'agua n'aquelles sitios, como pelos depositos de palha e lenha que havia em algumas casas.

Ficaram reduzidas a cinzas 6 casas, onde se abrigavam algumas familias pobres, que nada poderam salvar ficando tambem destruido o melhor predio do lugar.

*

* *

Arderom os pinhaes dos marquezes de Minas, proximo do Barreiro. Era aterrador o aspecto do incendio.

*

* *

Arderam 350 cargas de cortiça na estação de Alcaçovas.

*

* *

No dia 24 do passado deu-se em uma matta muito espessa do lugar da Vermelha, á margem do riacho Alfusqueiro, no concelho de Agueda um violento incendio.

Umás mulheres que de Agueda iam para a serra, estiveram alli perto a fazer um cosinhado, arranjando lume e este communicou-se á matta que ardeu. O incendio começou na margem direita do rio, mas as linguas de fogo eram tão extensas, que poderam chegar á margem esquerda, onde tambem havia matta que igualmente ardeu. Depois de lavar á vontade conseguiu-se dominar o incendio pelo meio da tarde.

BOMBEIROS MUNICIPAES DO PORTO

No dia 20 do passado, no adro da Senhora da Conceição, teve exercicio, pelas 5 horas da tarde, a secção de bombeiros municipaes, de S. João da Foz do Douro, manobrando á ordem do seu respectivo primeiro patrão.

*

* *

No domingo, 28 do passado, tambem o corpo de bombeiros municipaes d'esta cidade teve exercicio nas casas da Academia Polytechnica.

Manobrou á ordem do sr. inspector geral.

Pavoroso incendio

Noticias telegraphicas chegadas de Lisboa dão conhecimento d'um pavoroso incendio que pelas tres horas da madrugada d'hontem se declarou na fabrica de serração de madeiras a vapor de Bernardino, filho & Ribeiro, na rua do Caes do Tojo.

As labaredas passaram rapidamente para os depositos de madeiras dos mesmos industriaes e para os de Casimiro José Fernandes, destruindo tudo completamente, n'uma area de 170 metros de comprimento por 30 de largo, desde o caes do Tojo até ao Aterro.

Os predios contiguos ao Aterro soffreram tambem prejuizos por causa da agua e do calor das labaredas.

Metade da estancia de madeiras do Lino foi tambem destruida.

Ficaram feridos 10 bombeiros (em outras noticias lemos vinte) o inspector dos incendios e seu ajudante e 6 marinheiros. O bombeiro voluntario Freitas Rego, tambem ficou muito mal tractado. O bombeiro 111 estando a trabalhar, cahiu mortalmente victima d'uma congestão pulmonar, outros dizem que d'uma aneurisma.

Os prejuizos são avaliados em mais de 200 contos. Os varios estabelecimentos estavam seguros no Foenix, Fidelidade, Norwich, Previdente, Queen, Bonança, Firmeza. A Fidelidade é a mais prejudicada.

O sr. ministro do reino esteve no local do sinistro, e mandou distribuir dinheiro pelos bombeiros e marinheiros que todos trabalharam heroicamente. El-rei appareceu tambem ás 10 da manhã.

Os toques de rebate puzeram a cidade em alarme, comparecendo no local do sinistro todo o pessoal e material dos incendios de Lisboa, Oliveas, Arsenal da Marinha, Alfandega, Lumiar, Almada, a guarnição de todos os navios de guerra surtos no Tejo, operarios da camara, etc. etc.; calcula-se que trabalharam na extincção cêrca de 1.500 pessoas.

Chronica quinzenal

Eu tinha agora uma magnifica occasião de me dar ares de *grand seigneur* para com os leitores do *Bombeiro Portuguez*. Bastava que a redacção d'esta

folha fizesse inserir n'este numero, em typo normando, a seguinte advertencia :

«O nosso... — aqui uns adjectivos quaesquer, os do costume — chronista suspende durante algum tempo as suas revistas, porque se acha ausente do Porto, em uso de banhos de mar; ou então, «porque partiu para o estrangeiro, em digressão de recreio.»

No primeiro caso deixava-se manhosamente campo aberto para se suppôr que o auctor d'estas linhas havia ido em direcção a alguma praia distante d'esta cidade, das que só os homens de importancia nas artes, nas sciencias, na litteratura e na politica frequentam, e d'onde me não seria facil escrever uma chronica, por me encontrar afastado da área dos acontecimentos.

Ao passo que o leitor pensaria isto com toda a ingenuidade da sua alma sincera e bem formada, eu desde a Foz ou Mathozinhos — quando muito — ria-me da sua candura.

Em todo o caso salvavam-se as apparencias: os meus collegas não mentiam ao publico com a noticia bombastica da minha retirada accidental.

Pela parte que me toca, imitava pouco mais ou menos o systema d'um sujeito empenhado até ás orelhas, mas muito catholico e temente a Deus, que mandava responder pelos creados a todos os crédores que lhe exigiam o pagamento de uma divida:

«O sr. Fulano está de cama.»

Dizia elle, estirando-se, n'esse momento, em cima do leito: «assim, não falto á verdade.»

Mas a partida para o estrangeiro era cousa mais séria. Como os assignantes se dariam a tratos com a imaginação a fim de adivinharem para onde eu teria sahido! Estará em San Sebastian, em Deauville, em Biarritz, em Carlsbad, em algum d'estes sitios aonde concorrem todos os annos, na epoca de verão, as principaes celebridades europeias?

E a minha individualidade a augmentar de valor com hypotheses tão arrojadas!

Podia cumprir, porém, facilmente e com modestia o compromisso de deixar o paiz. Encaminhava-me até Valença, atravessava o rio Minho, e depois de assentar arraiaes em Tuy, já ninguem me accusaria de intrusão.

Apezar de que esta directriz apresentava um inconveniente, e grande. Vem elle a ser — poder alguém que desconhecesse a chorographia hespanhola ou ignorasse onde nasci, presumir que eu tinha ido... á terra.

Nada. Tuy fica lançado á margem, por causa das duvidas. Lá passar por gallego, mais tarde.

Tudo isto veio a proposito d'um jornalista da capital que se despediu diplomaticamente dos seus leitores, affirmando que precisava tratar-se, e que não passou dos Olivaes.

Iberus tambem podia ir, arremedando o seu collega de Lisboa, para Valladares, para Ermezinde, ou para Custoiás, mas, como é dos taes que — ou tudo, ou nada, na impossibilidade de fazer uma viajata até á Austria-Hungria, fica no Porto e nem sequer muda de casa.

E' triste, mas profundamente real.

*
* *

Nunca apparecem tantos freguezes para os theatros como quando elles estão fechados. Avancamos esta proposição, porque a cada canto se ouve agora:

«Não haver theatro sempre é uma espiga!»
«Que aborrecimento! Se ao menos houvesse theatro!»

Os queixosos mais salientes são uns aspirantes a *flaneurs* que raras vezes põem os pés no Baquet ou no Principe Real, mas que agora se aproveitam do ensejo para arrotar elegancia.

Descansem, meus meninos. Segundo consta, vamos ter uma companhia de zarzuela, outra de cavallinhos, a Virginia Marini, a celebre funambula Spelterini, o d'abo!

Jámais houve carestia que não fosse seguida de fartura.

Verdade, verdade, o Garraio foi ingrato. Deixou o Porto um mez sem companhia de opereta e trocou-nos pela Figueira da Foz! Andariam aqui intrigas e influencias da *Societé financière*, que quiz desviar a corrente de espectadores para o seu porto de mar?

Emfim, cá veremos o tamanho das *luvas* que trouxeram os actores e actrizes.

*
* *

Entre um empregario e um auctor que se não distingue pelo cumprimento dos contratos:

— Olhe que necessito da peça para d'aqui a um mez.

— Dou-lhe a minha palavra...

— Não quero palavras; quero *actos*.

Calino entra n'uma livraria e compra um exemplar do *Primo Bazilio*. Sae, volta d'alli a bocado e pede outro.

— Então perdeu o exemplar que ainda agora comprou? pergunta o livreiro.

— Não sr., é que quero lêr o livro duas vezes.

Cumulos:

O do crime — Matar... o tempo.

O do sangue-frio n'um sentenciado á guilhotina — Não perder a cabeça... no dia da execução.

O da monomania religiosa — Acompanhar uma procissão levando na mão a vela... d'um navio.

31 d'agosto.

Iberus.

O Bombeiro Portuguez annuncia todas as publicações litterarias de que lhe for enviado um exemplar.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

Trimestre	350 réis
Semestre	700 »
Anno	1\$400 »

(Estrangeiro)

Trimestre	600 réis
Semestre	1\$200 »
Anno	2\$400 »

Escriptorio, rua do Mirante n.º 9.—Porto.

Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, S. Domingos, 74.